



ALLEMANHA — SALZBURGO.

A CIDADE de Salzburgo, justamente celebre nos annos da Allemanha, faz hoje parte do imperio de Austria.

S. Ruperto ali estabeleceu em 716 a primeira diocese episcopal, que foi elevada depois, no anno de 789, a alta cathogoria de sede archiepiscopal.

Durando ainda a dominagão ecclesiastica, por que os arcebispos de Salzburgo eram ao mesmo tempo senhores temporaes da cidade (em 1732) foram d'ella expulsos inexoravelmente todos os individuos ali residentes que pertenciam ás diversas communhões protestantes.

Salzburgo está como entalada entre duas montanhas. Um rio de veloz corrente a divide em duas partes desiguaes.

Na margem esquerda ergue-se a antiga cidadella edificada sobre o pincaro de um cêrro, que não tem menos de mil pés de altura. Do mesmo lado tambem se encontram as casas mais vistosas, bem situadas e alegres. Na outra margem as habitagões, em que de ordinario residem os menos abastados e os proletarios, tem uma apparencia desagradavel, e são, em geral, pouco acceiadas.

A cathedral de Salzburgo é um grande edificio gothico, que posto não gose da fama de excellente e magnifico, merece a attenção do viajante curioso.

Tambem é digna de notar-se uma fonte monumental enriquecida de estatuas e figuras collossaes.

Mas o que torna Salzburgo muito buscada dos nacionaes e estranhos são os seus contornos e deleitosa posição. Por qualquer lado que se entre a cidade ella ostenta-se tão risonha, tão matizada de jardins, tão soberba das velhas muralhas da sua cidadella, sentinella vigilante no alto da montanha, tão vaidosa do rio que lhe banha as plantas, que o seu aspecto arrebatá e encanta o viajante.

Comtudo a situação de Salzburgo tem seus inconvenientes. O rio, que a corta quasi ao centro, com ser humilde, ás primeiras chuvas do inverno engrossa e invade audaz as margens, não sem bastante encommo, e algum perigo dos habitantes; e das montanhas, que ladeam a cidade, não poucas vezes se têm despegado penedos, causando grandes prejuizos nas propriedades. Por outro lado Salzburgo esta exposta a incendios, por serem as suas casas construidas, na maior parte, de madeira. Ainda em 1818 houve um, tão violento, que consumiu uma parte da povoação, e a reduziria toda a cinzas se não fosse cortado a tempo.

Em Salzburgo nasceu Mozart, o compositor de musica mais imaginosa, mais salador, e mais suave dos tempos modernos.

OS IMPÉRIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

X.

Novas revoltas dos janisaros; invasões dos cossacos; efeitos salutarés de um governo energico; guerra com a Persia.

No mesmo dia da deposição de Mustaphá I foi proclamado sultão Amurat IV, filho de Achmet I (setembro de 1623). Tinha apenas 12 annos, quando a catastrophe que precipitou seu tio o elevou a um throno tão recentemente ensanguentado pelo tragico fim de seu infeliz irmão Osman II.

A sua presença agradável e uma intelligencia e energia pouco communs em tão verdes annos conciliaram-lhe desde logo as sympathias da nação e as boas graças dos janisaros. Os homens, que viam com verdadeira dôr d'alma a rapidez com que o poderoso imperio de Mahomet II caminhava na estrada da decadencia, conceberam grandes esperanças na exaltação d'este principe. Entretanto mal podiam tão debeis mãos sustentar com vigor as redeas do governo, relaxadas por tantos abusos inveterados por longo correr d'annos, e n'um paiz onde fermentavam e se desenvolviam cada vez mais tantos germens de dissolução. A missão, que as necessidades publicas lhe impunham, demandava um ponto d'apoio para a lucta, que era mister travar entre a reforma e os abusos. E esse ponto d'apoio era exactamente o que em tão criticas circumstancias faltava em toda a extensão do imperio. Não se podia esperar da parte do povo, porque além da corrupção que lavrava nos seus costumes, e que o enfraquecia e inhabilitava para todo e qualquer esforgo heroico, achava-se como subjogado pelo exercito, e principalmente pelos janisaros de ha muito affeitos a dictar a lei aos seus soberanos e ao paiz. Com os janisaros e com o resto do exercito ainda menos se podia contar. A mais completa relaxação na disciplina havia transformado a força publica em elementos de perennes desordens.

Foi pois sob tão oppostos auspicios, que o joven Amurat cingiu o alfange d'Osman na mesquita imperial d'EIoub (1).

Durante a sua menoridade assenhoreou-se a sultana mãe de toda a influencia e poder, que exercitava por via do grão-vizir e d'outros ministros creaturas suas. N'este periodo sobrevieram ao imperio diversas calamidades. Os persas tomaram Bagdad; os janisaros e os zipahis levantaram por vezes o estandarte da rebellião, obrigando o sultão a fazer-lhes concessões pecuniarias, e a sacrificar-lhes diferentes auctoridades, que haviam incorrido no odio da soldadesca; e os cossacos invadiram e devastaram o territorio turco até á margem europea do Bosphoro.

Por este mesmo tempo se affrouxaram os lagos, que uniam a metropole aos estados barbarescos da costa d'Africa, que o Mediterraneo banha. As principaes potencias da Europa, tendo-se queixado inutilmente da pirataria exercida por aquelles estados, e reconhecendo que a Porta não tinha força bastante para lhe pôr cõbro, resolveram-se a entabolar negociações directas com aquellas regencias. A Inglaterra, a França e a Hollanda foram as primeiras nações, que conclui-

ram tratados com Argel, Tunis e Tripoli, que até então se haviam conservado na dependencia absoluta dos sultões da Turquia.

Dous annos depois da primeira invasão tornaram os cossacos a transpôr as fronteiras do imperio, assolando o paiz até quasi ás portas da Constantinopla. D'esta vez porém tiraram vingança os ottomanos, perseguindo e destruindo em terra os seus inimigos, e destroçando-lhes no mar a esquadilha a que se tinham abrigado (1626).

Este importante triumpho foi seguido de algumas vantagens obtidas pelo exercito turco no cêrco de Bagdad contra os persas. Mas quando parecia avizinhar-se uma victoria decisiva para as armas ottomanas, os janisaros, aborrecidos das fadigas do assedio, obrigaram o grão-vizir a levantar o sitio e marchar para Constantinopla.

A esta insurreição seguiu-se outra, que rebentou pouco depois na capital, e que, ameaçando o sultão com a sorte de seu desditoso irmão Osman II, constrangeu-o a entregar ao furor dos revoltosos a fronte nonagenaria de Gurdji Mahomet, ministro intelligente que contava setenta annos de serviços prestados no decurso de oito reinados.

Tão repetidos escandalos e violencias exasperaram por tal modo o joven Amurat, que o fizeram tomar a decidida resolução de se emancipar de toda a especie de tutela, e de tirar vingança dos ultrages e humilhações por que o tinham feito passar.

Os primeiros actos emanados directamente da sua auctoridade foram por extremo crueis. Continuas demissões, sequestros e execuções em todos os pontos do imperio, e contra individuos de todas as classes e condições, sendo as primeiras victimas dous cunhados seus, conseguiram fazer respeitada a acção governativa e acatada a pessoa do soberano.

Amurat IV aproveitou-se então d'esta disposição dos animos para dar complemento á sua politica de rehabilitação moral e physica do imperio. No estado de indisciplina em que se achava o exercito, e descoroamento em que estava toda a nação por causa das continuas desordens no interior e dos successivos revezes no exterior; este principe appellou para a guerra como o meio mais prompto e efficaç de promover aquella rehabilitação.

Tratou por conseguinte de reorganisar o exercito, e preparou-se para invadir a Polonia; mas como viessem negociações de paz transtornar os seus planos, voltou as armas contra a Persia, collocando-se á frente do exercito (fevereiro de 1633).

Amurat tinha dado provas da maior coragem, energia e perseverança durante a prolongada lucta travada desde a capital até aos confins do imperio entre a auctoridade do soberano e o espirito revolucionario, que se havia, por assim dizer, innoculado na tropa, no povo, e nos proprios delegados do poder. Porém todas essas qualidades, que lhe alcançaram tão assignalado triumpho, ostentaram-se com mais brilho na maneira por que obteve disciplinar e moralisar o exercito.

Desde o dia da sua partida de Constantinopla dirigiu incessantemente para este alvo todas as suas atensões e esforgos. Severo para com todas as faltas; tão inexoravel para o ultimo dos seus soldados como para o mais distincto dos seus generaes; generoso na distribuição dos premios; procurando tudo ver e examinar por seus proprios olhos; sendo o primeiro a dar exemplo de actividade nos trabalhos necessarios para as operações militares, de valor no meio dos combates, e de coragem ante o perigo, soube elevar o exercito ao subido grau de força physica e moral a que chegára nos tempos mais prosperos do imperio.

(1) Logo que um novo sultão sobe ao throno é levado em grande pompa á mesquita de EIoub, onde cinge o alfange d'Osman I, o fundador do imperio ottomano. Esta cerimonia que se faz sempre com a maior solemnidade, corresponde entre nós á da coroação.

A sua marcha pelo interior da Persia foi um continuado triumpho. Depois de oito dias de cerco a cidade de Erivan abriu as suas portas ao vencedor, e em pouco tempo toda a provincia de que era capital passou ao dominio ottomano. Os rigores do inverno obrigaram o sultão a pôr termo á campanha e a regressar para Constantinopla, onde foi recebido com grande alvoroço e enthusiasmo.

No anno seguinte estava novamente em marcha sobre Bagdad á frente de numeroso exercito. Esta cidade tantas vezes tomada e retomada, e pela posse da qual a Turquia fez tamanhos sacrificios em diversas occasiões, caiu finalmente em poder das armas ottomanas, para nunca mais voltar ao dominio dos persas (23 de dezembro de 1638).

Esta victoria foi reputada de muita transcendencia pela importancia da cidade e do paiz de que era capital, e ser ganha ao shah Abbas I, a quem a posteridade conferiu com justiça o titulo de grande. Por taes motivos pois fizeram-se brilhantes festas nas principaes povoações do imperio para a celebrar; e Amurat deu a Constantinopla o espectáculo grandioso dos antigos triumphadores romanos. No dia 10 de junho de 1639 fez a sua entrada solemne n'esta cidade á frente da tropa e rodeado da maior pompa. Vinha montado em um soberbo cavallo ricamente ajaezado. Trajava á maneira dos antigos heroes persas, trazendo lançada aos hombros e estendida pelas costas abaixo uma pelle de leopardo. Era precedido por cem atabaleiros e trombetas, que tocavam pegas de muzica nacionaes; e caminhava entre duas alas de generaes e governadores captivos, que rojavam pelo chão pezadas cadêas.

Poucos dias depois foi assignado o tratado de paz entre as duas potencias, pelo qual a Persia cedeu á Turquia o bachalato de Bagdad, e obteve a restituição da provincia de Erivan, que tinha perdido durante a penultima campanha.

Amurat apenas sobreviveu um anno a este triumpho. Os excessos nos prazeres da meza aggravaram por tal modo a sciatica de que padecia havia dous annos, que succumbiu a um ataque mais forte em 9 de fevereiro de 1640 na curta idade de 29 annos, e contando 17 de reinado. A sua morte prematura foi para a Turquia uma perda irreparavel.

A necessidade de lançar mão de remedios mui violentos para cortar pela raiz o cancro, que minava a existencia da nação, foi causa de que o seu character se tornasse excessivamente duro, e a sua indole cruel. Entretanto deve attender-se a que foi a esse rigor sem limites, que o imperio deveu ver operada em tão breve espaço de tempo uma transição completa da morte para a vida. A severidade na justiça corre muitas vezes perigo de degenerar em crueldade; mas se ha casos em que semelhantes demasias possam ser relevadas, é por certo quando um regenerador para arrancar um povo da borda do abysmo, onde se subvertem os imperios, se vê a braços com tantos elementos anarchicos, em guerra aberta com tantas paixões desenfreadas, sem ter mais auxilio do que a sua coragem e energia, sem um ponto de apoio além da sua vontade e perseverança.

E todavia a fereza de Amurat era temperada por alguns brilhantes dotes do espirito, que excitavam respeito e admiração entre seus subditos. Finalmente foi assim que elle conseguiu extirpar grande numero de abusos, com que alguns de seus predecessores em vão luctaram, succumbindo na lucta. Foi d'esta arte que comprimiu o espirito de revolta, que disciplinou o exercito, que impediu os grandes de opprimir os pequenos, que restabeleceu nas finanças o perdido equilibrio, augmentando muito as rendas publicas.

que melhorou as communicações, e enfim que regenerou o paiz no seu aspecto moral e physico.

Em todo este reinado a Turquia conservou relações pacificas com todas as potencias da Europa, apesar do rigor com que o sultão procedia contra ellas, mais ou menos directamente, todas as vezes que se julgava offendido ou lezado. Como a fraqueza dos governos anteriores, e o estado de desorganisação do paiz tivessem dado azo a um grande jogo de intrigas, tendentes a promover interesses contrarios aos do imperio, e manejadas pelos representantes de varias potencias, principalmente pelos embaixadores de França, Austria e Russia, Amurat poz termo a todos esses manejos de uma politica tortuosa com actos de muito vigor, se bem que oppostos ao direito das gentes. Sob o mais insignificante pretexto mandava fazer minuciosas pesquisas em casa d'esses ministros, apprehendendo-lhes todas as armas, a ponto de n'uma d'essas occasiões despojar o embaixador inglez (1) da propria espada com que o seu soberano o armára cavalleiro. A alguns reteve em prizão por muito tempo; e ao patriarcha grego, Cyrillo, accusado de ter relações secretas com a Russia, mandou dar a morte no mesmo dia em que o fizera prender. E taes eram os effeitos da sua energia politica no exterior, tal a influencia da organisação e impulso que dera ao imperio, que nenhum d'aquelles aggravos produziu alteração nas relações externas da Sublime Porta.

(Continúa.)

L. DE VILHENA BARBOSA.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

VII.

Que aspecto particular apresenta a atmospheria! Parece achatar-se sobre nós a abobada celeste, e fita-se a imagem do sol como se por ante ella estivesse pendente um crepe esverdeado! Não é de certo assim a physionomia do céu n'estas paragens em todas as estações, nem talvez mesmo em muitos dias de cada anno, mas o que é verdade, posto que bastante raro, é que nunca passei pelas ilhas de Cabo Verde sem observar este fenomeno.

Cá temos a compensação nos formosos dias dos tropicos, logo que se passa a Serra Leoa, em cuja altura é difficil não apanhar alguma trovoadas; mas não tem duvida, promettem mais do que dão; parecem-se com o commum dos homens. Sempre enfim para o austro a agulha prôa, como diz Camões na laconica mas bella descripção que faz d'esta viagem, no canto quinto dos Lusíadas, deixando á esquerda o perigoso Cabo de Palmas, vamos sob o equador procurar as tão formosas e tão abandonadas ilhas de S. Thomé e Príncipe, e ainda que o seu clima não é dos mais salubres, arrisquem-nos no meio d'esse copado e odorifero arvoredo, ao murmuro das aguas que por toda a parte rebentam, e vamos admirar a riqueza de um solo fertilissimo ao lado da miseria de seus habitantes, prova viva da nossa incuria!

S. Thomé e Príncipe são dous grandes jardins lançados por Deus no meio das aguas do oceano, como os oasis entre as areias de um deserto. Ao aproximar das suas praias contemplaes com encanto uma vegetação prodigiosa campeando por toda a

(1) Chamava-se Peter Wych

parte; pasmaes ao ver surgir d'entre os penedos batidos pelas vagas as mais formosas palmeiras e outras arvores sempre verdes. Desembarcaes, a cada passo vos apparece um riacho; a arvore da canella, como em Ceylão; o café como o de Moka; o ananaz, a banana, melhores do que no Brazil; o algodão, o arroz, a canna de assucar, optimas madeiras de construcção, e até o que não julgaes de certo encontrar, uma linda estrada na ilha do Principe com duas pyramides no começo, e uma boa vivenda campestre na outra extremidade, cercada das cubatas dos escravos. Esta casa pertence ao sr. Carneiro, actual deputado ás côrtes por aquellas ilhas, que tambem possui outra á beira-mar, a melhor habitação da cidade de S. Antonio (Principe). Poucos mais edificios ha ali de pedra e cal, o resto são casas de madeira ou choupanas miseravejs. Em S. Thomé encontram-se mais casas de alvenaria, mas assim mesmo não vos recommendarei a belleza de nenhuma d'ellas. Tudo que é obra dos homens pouco vale n'aquelles logares; a mão de Deus é que foi prodiga em espalhar thesouros sobre o seu solo.

Demorei-me por ali alguns mezes, principalmente no Principe, tive tempo para percorrer quasi toda a ilha, mas ser-me-ia difficil pintar as bellezas naturaes que encerra! Faz dó ver o abandono a que chegaram tão formosos e productivos torrões, que podiam rivalizar com Ceylão, competir nos generos coloniaes com os melhores do Brazil, e enfim tornarem-se uteis a si e á metropole, em vez de serem, como são, um monumento de vergonha para Portugal, um padrão do nosso imperdoavel desleixo!

VIII.

Em S. Thomé ha diferentes cataractas de extraordinaria belleza, em sitios explorados ha pouco por europeus, e de então para cá muito concorridos; a principal é a um quarto de legua da capital, na Ribeira Grande; dão-lhe o onomatopaico nome de *Blus-blus*, e a queda d'agua é de 32 pés d'altura. Proximo d'este lugar vêem-se as ruinas de um engenho d'assucar, d'aquelles que foram destruidos para não empecerem o desenvolvimento da cultura do Brazil! Junto á mesma ribeira, a par da aldeia da Trindade, ha outra formosa cataracta, com 24 pés de altura de agua.

A tres quartos de legua d'esta aldeia encontra-se agua ferrea n'umas caldeiras em effervescencia, ás quaes os pretos chamam: caldeiras do inferno; e quando querem fazer mal a seus inimigos, lançam na maior d'essas caldeiras algum dinheiro em cobre, e creem que é sufficiente para lhes succeder desgraça. Os europeus que ali vão passear tem mais de uma vez encontrado peças de dinheiro em cobre muito limpas, que guardam como memoria da superstição d'aquelle povo.

Tanto em uma como em outra d'estas ilhas se encontram lindas praias, formosos bosques de caneleiros e cafeeiros, abundancia de agua corrente, bellas perspectivas; porém nenhuma commodidade para o viajante, que dormiria na rua, se não fosse a hospitalidade dos habitantes. Não ha um *hotel*, um *café*, um *taverna* nas cidades de S. Thomé e S. Antonio, d'onde se segue que o forasteiro tem de aproveitar a meza dos abastados.

A vizinha ilha de *Fernando Pó*, occupada hoje pelos inglezes, posto que seja bastante insalubre, está mais preparada para receber viajantes; e a de *Anno-bom*, que completa este archipelago do Equador, achase abandonada pelos europeus. Ainda ha pouco tudo tinha arvorada em um de seus morros a bandeira portugueza.

IX.

Passar a linha equinocial é hoje uma cousa muito vulgar (que assim mesmo os marinheiros festejam sempre) mas como se encheria de orgulho o nosso Fernando Gomes, quando, antes de nenhum outro europeu, achou os dias iguaes ás noutes em duração, e passou a engolfar-se em um novo hemisferio, a ver novas constelações no céu, diversos climas na terra, e só igual o colorido das aguas! São as maiores alegrias que eu comprehendo! Gil Eanes, dobrando o cabo Bojador, Christovam Colombo, descobrindo um novo mundo, Bartholomeu Dias, passando o Tormentorio, Vasco da Gama, aportando á India, Pedralves Cabral, encontrando o Brazil, Fernão de Magalhães, achando a passagem para o Pacifico, Balbôa, divisando esse mesmo mar pela primeira vez, e tomando posse d'elle em nome dos reis da Hespanha, Pêres d'Andrade, deysando a China e o Japão, Cortez, avistando as douradas cupulas do Mexico, Solis, achando o rio da Prata, Queiroz, vendo desmaiar o sol no polo, Behring, vencendo a passagem polar entre a America e a Asia, e tantos outros descobridores aventureiros: ... oh! esses é que eu imagino que foram verdadeiramente felizes um momento, vendo coroados de pasmoso resultado os seus penosos trabalhos!

Alegria, quando se olha para a carta, encontrar o nome portuguez ligado a tantas descobertas, pensar que estes poucos filhos do occidente foram devassar todos os mares, e deixaram padrões seus nas mais remotas praias do mundo! ... Porém hoje ... Afastemos d'ahi os olhos; ancoras em cima, e naveguemos em demanda do continente africano.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

ESTATISTICA DOS CULTOS EM FRANÇA.

O CLERO do culto catholico compõe-se, nas oitenta dioceses em que se divide a França, de 15 arcebispos, 65 bispos, 175 vigarios geraes, 661 conegos, 3:388 parochos (curés) 29:537 curas das freguezias filiaes (desservants des succursales) 6 capellães (aumôniers) dos tres cemiterios de Paris, e 7:190 vigarios nas pequenas municipalidades. Total 41:037 individuos.

O pessoal dos cultos protestantes comprehende 756 individuos, dos quaes 507 são do culto reformado, e 249 do culto lutherano.

O culto israelita conta 53 rabinos e 61 ministros officiantes.

A POLITICA E A AGRICULTURA.

SE os commodos da vida, isto é, os deleites do corpo, os do coração e os do espirito, são o alvo a que tiram de longe, e de encontrados pontos, todas as opiniões, todos os systemas, todas as parcialidades; a agricultura para Portugal deve e não pode deixar de ser havida pela politica suprema, pela politica das politicas. Pois quando renascida e adulta a nossa agricultura nos houver feito laboriosos, abastados, modestos, bons, unidos e irmãos, então e só então é que as theorias de liberdade deixarão de fluctuar e transformar-se ao sôpro das palavras, como as nuvens inconsistentes ao capricho dos ventos.

CASTILHO. — FELICIDADE PELA LAVOURA.



OS PRETOS JALOFOS.

De todas as raças de negros, que habitam a vasta e fértil região, onde ainda possuímos as praças de S. José de Bissau e o presidio de Cacheu, a dos jalofos é a mais civilizada e mais pacífica.

Occupam os jalofos quasi exclusivamente o territorio comprehendido entre os grandes rios Senegal, ou Sanagá, como lhe chamam geralmente os nossos escriptores, e o Gambia. Calculam-se-lhe umas quatro mil leguas quadradas, e 500:000 habitantes. Qualquer d'estas estimações não pode merecer o conceito de exacta, por que ali não se encontra elemento algum de uma boa informação.

N'outro tempo constituíam os jalofos um vasto imperio, que com o tempo veio a desmembrar-se e a formar alguns pequenos estados, inimigos uns dos outros, e que constantemente se gladiam, e se enfraquecem mutuamente.

André Alvares d'Almada, no seu *Tratado breve dos rios de Guiné de Cabo Verde*, dá larga informação d'este povo. Eis como elle descreve o paiz que habitam os jalofos: «Esta terra é sadia mais que todo Guiné. Correm n'ella muito bons ares. Ha muito bons mantimentos, muitas gallinhas, vaccas, cabras, lebres, coelhos, gazellas, uns animaes grandes como veados (e o são, mas não tem armadura da feição de veado com os esgalhos) elefantes, leões, onças, e outros muitos animaes; gallinhas pintadas e outras aves como perdizes a que chamam *chocas*. Nos rios andam garças reaes, pelicanos, patos, marrecas, e outras aves marinhas; mantimentos, arroz, milho *maçaroca*, outro milho a que chamam branco, e *gergilim*; ha muita manteiga e leite e mel que se tira pelas tocas das arvores. Em toda esta costa, terra dos jalofos até os mandingas, ha muito boa roupa de

algodão, pannos pretos e brancos, e de outras muitas maneiras de preço, e os tintos são tão finos que cegam aos que os vêem, os quaes se tiram para os outros rios aonde os não ha.»

Almada dá ainda outras noticias curiosas d'esta raça africana e dos seus costumes, que são comtudo com pouca differença os dos outros povos d'aquella costa.

Os jalofos são altos, bem formados e de uma cor preta azevichada. Gosam da fama de bons guerreiros: as suas armas a cavallo são uma *azagaya* e uma porção de *azagaynhas*, a que chamam, diz uma memoria, que temos presente, *chemcherens*, as quaes despedem com tanta velocidade como uma bala, e fazem tiros admiraveis. Conseguem esta pericia, exercitando-se desde meninos, e não largando nunca da mão a *azagaya*.

Os negros da beira-mar são pela maior parte pescadores; e possuem para este fim muitas canoas grandes com duas velas de galope, ambas em um mastro: são grandes marinheiros; saem pela manhã com o terral para o mar; vão tão fóra que perdem a terra de vista, e á tarde se recolhem com a viração do mar á vela, que quem as vê do mar em fora, e não tem conhecimento d'isto, parecem-lhe navios, e a muitos tem feito com este apparatus bem de medo.

Deve notar-se que os negros jalofos da beira-mar fallam quasi todos a lingua portugueza.

Além da sua incontestavel superioridade physica os jalofos propendem para a ordem e civilização, e são naturalmente inclinados aos costumes pacíficos e á vida domestica. «Habitam,» diz o nosso Almada, «juntos em aldeias, em casas palhaças redondas cobertas por cima de palha e pelas ilhargas. E em cada aldeia ha um maior, a que dão obediencia, posto pelo rei, chamado por elles *jagodim*, que quer dizer n'aquella lingua *capitão*. Comem a carne mal assada de maneira que esteja correndo o sangue, e a cozida cozem-a bem e assim o pescado, que ha muito bom por toda aquella costa. E os que não tem commercio conosco comem sujamente, porque muitas vezes cozem as aves chamuscadas, com as tripas e pés sem as depennarem, e os miudos das rezes com a bosta; em tanto, que estando um rei comendo com um capitão nosso seu amigo, mandou o rei vir por festa uma coalheira cozida, a qual trazia dentro o recheio; e tendo o capitão asco, deitava fóra a bosta: disse-lhe o rei, que era parvo no que fazia que aquillo não era nada, que era herva.» «Entretanto,» continúa Almada, «folgam de comer os comeres feitos ao nosso modo; e costumam os nossos, quando os vão visitar, levarem os comeres feitos ao nosso modo.»

Outro costume singular têm os jalofos, que é digno de mencionar-se. Não bebem agua pura, senão misturada com leite azedo de vaccas, ou deitando-lhe farinha de um milho, a que chamam *maçaroca*!

Os jalofos passam por menos indolentes, que os povos limitrophes; cultivam o algodão, o milho, varios legumes, o anil e o tabaco.

Mostram-se muito affieigados aos europeus, e por esta circumstancia principalmente conviria que estabelecessemos solidas relações de amizade e de commercio com este povo, que tão perto se acha dos nossos prezidios da Guiné, aliás importantissimos.

A nossa gravura representa um chefe jalofos; os negros, que ali exercem auctoridade, andam quasi sempre com a cabeça descoberta, e uma simples capa de pelles, que lhe descê até aos joelhos. As mulheres são um pouco mais primorosas no seu trajar, e procuram fazer sobresair a natural louçania (porque as jalofas são realmente formosas) com enfeites e arrebiques extravagantes.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXIV.

Convento dos Loios.

As Pousadas ou pagos do conde D. Alvaro Pires de Castro, que tanto trabalho e suor custaram aos moradores de Arrayolos (1) eram situados ao posto de Valle Formoso, ou Valle de Flores, nas faldas do outeiro do castello ao norte da villa. Ao pago juntou o conde uma quinta e varias terras, que tudo depois se ficou chamando *Quinta do Pago*.

Do conde D. Alvaro Pires de Castro passou todo o predio a sua filha D. Beatriz ou Brites de Castro, dama do palacio. Esta por provisão d'el-rei fez doação da mesma quinta e de quanto n'ella por morte de seu pae herdara, a Catharina Martins, sua camareira, por certos respeito, a que attendia, e obrigações que lhe tinha, e além d'isso porque Alvaro Pires de Castro, filho da dita Catharina Martins, era primo d'ella doadora D. Brites de Castro. A doação foi feita a 28 de junho de 1426, e tomou posse a nova senhoria no 1.º de julho do mesmo anno.

Mas ou porque este Alvaro Pires de Castro morresse sem successão antes de sua mãe, ou por outro qualquer respeito, a Quinta do Pago foi doada por Catharina Martins a seu sobrinho Pedro de Castro, filho de Moor Alvares e de Martim Gonçalves. Por morte de Pedro de Castro (que já era morto em 1449) herdou a quinta sua mãe Moor Alvares, e esta a doou a sua neta Isabel de Castro, filha do dito Pedro de Castro e de Beatriz Gil Vinagre. A doação é de 1471, e comprehende, não só as terras de pão e vinho, pomares, olivae, e casarias da dita quinta; mas todos os mais bens que ella Moor Alvares herdara por morte do dito seu filho Pedro de Castro.

Isabel de Castro casou com Ruy Martins de Carvalho, cavalleiro da casa do conde de Faraõ, corregedor nas comarcas da Beira e Aquem-Tejo (2), e ambos cederam logo no mesmo anno de 1471 á dita doadora os fructos de toda a quinta em quanto viva fosse, sem que todavia pudesse vender cousa alguma. E em 1473 requereram e alcançaram d'el-rei provisão para sanar certas irregularidades da antiga doação de Catharina Martins a seu sobrinho Pedro de Castro (3).

Ruy Martins de Carvalho vendeu o predio a Afonso Garcez (secretario que fôra d'el-rei D. Afonso V, e D. João II, e o era d'el-rei D. Manuel) e a sua mulher Isabel Fernandes, no anno de 1496, por preço de 351\$000 réis.

A Afonso Garcez succedeu seu filho João Garcez, o qual com sua mulher Leonor d'Abreu viviam na dita quinta; e por se acharem sem filhos fizeram doação d'ella com todas as suas terras e pertenças á religião de S. João Evangelista, cujos membros eram antigamente conhecidos pelo titulo de conegos azues, e mais modernamente pelo de padres Loios, para ali fundarem um mosteiro da mesma congregação com a invocação de Nossa Senhora da Assumpção. Foi o contrato celebrado na herdade e abegoaria, que o mosteiro de S. João d'Evora, da mesma congrega-

ção, possuia junto ao Divor entre Arrayolos e Evora, a 10 de julho de 1526 (4).

Deu licença para a fundação o cardeal infante bispo d'Evora por provisão de 29 de junho de 1527 (5).

Confirmou el-rei esta doação por provisão de 2 de abril de 1529 (6).

E por outra vez mercê ao convento de que pudesse haver mais renda e fazenda (7).

Este foi o primeiro convento, que houve em Arrayolos, e era a setima casa da congregação (8).

Começou a obra lançando n'ella a primeira pedra João Garcez a 14 de agosto de 1527, vespera da Assumpção; e ajudou para ella el-rei D. João III com 200 cruzados, com por cada vez; e igualmente deram suas esmollas o infante D. Henrique, o infante D. Luiz, irmãos d'el-rei, e o duque de Bragança D. Theodosio, que tomou á sua conta particularmente a obra da claustra; além de outras pessoas principaes, entre as quaes foi Francisco Pereira e D. Isabel sua mulher. Este Francisco Pereira, quando veiu da India, entregou aos religiosos de esmollas, que tirou com uma imagem de Nossa Senhora da Assumpção, que levou, 153 cruzados, que todos se gastaram no retabulo da capella-mór, de cobre romano.

La creceado a fabrica do mosteiro, sendo superintendente d'ella um padre e védor o proprio João Garcez (9); e para mais facilitar as obras mandou el-rei por provisão sua do 1.º de outubro de 1544 aos juizes e officiaes das villas de Morte-mór o novo, Estremoz e Pavia que fizessem dar toda a cal, que os padres requeressem para a dita obra, pelos pregos, por que fosse taxada pelas camaras, assim como se dava aos moradores das ditas villas (10).

Successivamente se foi pondo remate ás varias partes de que se compunha um perfeito convento; e assim acabou-se o retabulo da capella-mór em 1547, o claustro em 1575, a igreja em 1585, o orgão que estava na parede em 1590, as cadeiras do côro em 1592 (11). Dourou-se o retabulo da capella-mór em 1598.

Em 1546 comprou o convento ao collegio dos jesuitas de Coimbra a herdade do Monte das Pedras, no termo de Arrayolos, por 400\$000 réis. É curiosa a escriptura pelas noticias que nos dá dos padres d'aquelle collegio logo tanto em seu principio (12). Nos fins do seculo 17.º descreve o chronista da congregação, padre Francisco de Santa Maria, o edificio d'esta maneira: «O edificio não é demasiadamente sumptuoso, mas é sem duvida perfectissimo, porque tem cabaes, e bem repartidas, e mui brincadas todas as casas, e officinas.» E logo adiante: «Tem o convento dous dormitorios alegres e espaçosos; o claustro é todo de marmores bem lavrados, e tem um formoso chafariz no meio.»

(4) Outro ibid.

(5) Idem.

(6) Idem.

(7) Vid. *Anno Historico* pelo padre Francisco de Santa Maria, tom. 2.º, pag. 507. Note-se que nos *Statutos e constituyções dos virtuosos e reuerendos padres conegos azues*, impressos em Lisboa em 1540, ainda esta casa não é contada entre as da congregação.

(8) Documentos no cartorio do convento.

(9) Outro ibid.

(10) Estas foram desmanchadas, e transformadas em mezas e cadeiras ordinarias pelo proprietario do convento depois da extincção.

(11) Documento no hospital de Arrayolos.

(12) *O Ceu aberto na terra*, pag. 515.

1) Vid. atraz cap. XII.

2) Filho de Martim Gonçalves, ou Martim Gil de Carvalho, collaço do duque de Bragança, e alcaide-mór de Arrayolos.

3) Documento no cartorio do convento.

Da igreja diz: «A igreja é excellente, toda de abobada: a capella-mór é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, a collateral da parte do Evangelho ao glorioso patriarcha S. Bento, a da parte da Epistola ao insigne martyr e bispo S. Braz: no corpo da igreja ha outra capella dedicada a S. João Evangelista com altar privilegiado para sempre, que concedeu Clemente VIII no anno de 1596. . . Ha mais outra capella de S. João Bautista. . . (1)»

Ha n'esta igreja tres campas com epitaphio, a saber: a do fundador João Garcez, de quem faremos adiante mais larga menção; a de Fernão Pereira, alcaide-mór de Arrayolos, e a de Ignez Varella.

As primeiras duas campas foram trasladadas do seu primitivo logar por occasião da reformação geral da igreja, que se fez no anno de 1700, sendo reitor o padre Bernardo de S. Hieronimo, pondo-se toda á moderna, e azulejando-se pelo estylo que então se usava. Conserva porém até agora a porta principal em ogiva na forma primitiva.

Na capella-mór ha dous paineis em panno; o do lado do Evangelho representa o transito da Virgem, o da Epistola a Assumpção. No refeitorio ha outro em madeira representando a Cæna Domini.

O padre reitor dos Loios era sempre provedor do hospital da villa, e o foi em tempo do da villa do Vimieiro.

Nos tempos do grande poderio das corporações ecclesiasticas foi a visinhança dos padres Loios um pouco importuna aos moradores da terra, mórmente por causa das pastagens dos coutos, que os difos padres pretendiam utilizar em seu proveito, conservando a camara sempre a mesma resistencia em lhes conceder esta visinhança. Por este motivo correram varios pleitos, acompanhados de violencias reciprocas, em que não esqueceram da parte dos padres as excommunhões contra a camara, etc. etc.; até que finalmente no anno de 1746 se cortou a origem do mal, mandando el-rei por ordem sua de 12 de novembro d'esse anno se cumprisse o provimento, que havia deixado em correição o provedor da comarca para que se não fizesse obra pelas provisões, que concediam aos padres pastarem seus gados nos coutos, antes deviam ser encoimados até S. M. não mandar o contrario (2).

(1) Livro 7.º de registo da camara, fl. 31 v.

(2) Tudo quanto fica dito é fundado em documentos e apontamentos existentes no cartorio do convento, e prova s-m replica quão longe da verdade andou o padre Francisco de Santa Maria, chronista da congregação, no seu *Céu aberto na terra*, contando os principios da fundação do convento n'estes termos: «Achando-se (João Garcez) entrado em idade, e sem esperanças de filhos, determinou juntamente com sua mulher fazer herdeira de seus bens alguma das sagradas religiões; e como a nossa andava então nos olhos, e nos agrados de todos, facilmente convieram em que ella havia de ser a preferida: calaram porém esta determinação, e deram principio a um novo convento na sua quinta de Valle Formoso, no qual lançou João Garcez a primeira pedra no anno de 1527 a 14 de agosto, vespera da Assumpção de Nossa Senhora, porque a este mysterio soberano quizeram que fosse o convento dedicado. Em breves tempos (intervindo o braço dos serenissimos duques de Bragança, que mandaram fazer o claustro á sua custa) se poz a obra em total perfeição; e no anno de 1532, quando diversas religiões pretendiam e esperavam ser buscadas para o novo convento, a nossa o foi sem o pretender, nem esperar: porque João Garcez, havendo sempre con-

Antigamente chegaram a assistir no convento doze até quinze padres. Em nossos tempos havia de ordinario apenas tres ou quatro, que viviam vida folgada, libertos das prizões e encargos, que a regularidade e obediencia da vida monastica impunha nas grandes casas da congregação, como eram Beato Antonio de Xabregas, e Villar de Frades. Conta-se que um reitor vendo quão excessivo abusose fazia d'esta liberdade, deu ordem para que perdesse a ceia todo aquelle padre, que não houvesse recolhido ao convento até á meia noite; por quanto, accrescentava o reverendo padre reitor, era justo que o cosinheiro repousasse alguma parte da noite, para poder dar a horas o jantar do dia seguinte.

A festividade principal da casa era em 15 de agosto, dia da Assumpção, sob cujo orago e invocação fôra fundada. N'este dia concorria de tarde todo o povo da villa a passear ao valle, e depois de ter visitado a igreja, ninguém faltava na cêrca a beber uma taça de agua da fonte de Nossa Senhora, e a colher um ramo de murta de uma antiga arvore, que havia junto da mesma fonte.

Era costume antiquissimo lançar da varanda do claustro ao povo pedaços de um grosseiro bolo de farinha, a que pela invariavel forma circular se dava vulgarmente o nome de *rosca*. Corria o povo a apanhar o bolo, e quando curvados sobre a terra disputavam uns aos outros a preza, lançavam de cima os padres sobre os contententes grandes bacias de agua; e tanto maior era o contentamento dos espectadores, quanto mais ensopados saiam da lucta os gulosos.

D'onde vinha este costume de barbaro carnaval em tal tempo, e em tal festa?

É tradição popular que se fundava em uma manda testamentaria; mas examinando eu o cartorio do convento, nada encontrei que pudesse confirmar tal tradição.

Uns dez ou doze annos antes da extincção cessaram os padres espontaneamente com este ridiculo uso, e o substituiram por uma esmolla de pão dada á porta aos pobres; não sem grande desprazer e aspera censura d'aquelles mesmos, que costumavam arriscar-se á molhadella a troco de um pedaço de *rosca* enlameada.

Pela extincção dos frades passou o convento e quintas a poder de Manuel Mexia Lobo Côrte Real, da villa de Arrayolos, que fez no edificio as mudanças e alterações, que entendeu serem mais conformes a sua utilidade e commodidade. Conserva-se hoje em poder de seus herdeiros.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

ESTATISTICA DOS INVERNOS.

No anno de 401 o mar Negro gelou completamente. Em 763 não só o mar Negro, mas tambem o estreito

servado o primeiro segredo, e a primeira resolução, partiu finalmente de Arrayolos para Lisboa, e caminhou direito a Santo Eloy, onde declarou aos nossos conegos o desejo e gosto que tinha, e sempre tivera de que elles povoassem o seu convento, e tomassem juntamente posse da quinta de Valle Formoso, e outras herdades a ella pertencentes. Agradeceram os nossos conegos, e acceitaram a vontade e a offerta, e logo começaram a collegiar a nova casa, bem que em pouco numero pela tenuidade da renda.

dos Dardanellos gelou, e a neve chegou em alguns pontos á altura de cincoenta pés. Em 822 os grandes rios da Europa (Danubio, Elba etc.) gelaram a ponto de lhes poderem passar por cima carros carregados. Em 866 gelou o mar Adriatico. Em 991 gelou tudo; assementeiras perderam-se absolutamente, e o anno acabou com a fome e a peste. Em 1067 a maior parte dos viajantes, em Allemanha, morreram de frio pelas estradas. Em 1133 o Pó gelou desde Cremona até o mar, os toneis de vinho rebentaram, e as proprias arvores racharam, por effeito do frio, com estrondo. Em 1236 o Danubio gelou-se até o fundo do seu leito, conservando-se bastante tempo n'este estado. Em 1316 houve total esterilidade na Allemanha em consequencia do frio, e o trigo que alguns outros antes se vendêra a 1\$200 réis o moio, chegou ao prego de 4\$000 réis! Os invernos successivos dos annos de 1432, 1433 e 1434 foram extraordinariamente rigorosos. De uma vez caiu neve por espaço de quarenta dias sem interrupção. Em 1468 o vinho que se distribuia aos soldados em Flandres cortava-se a machado. O inverno de 1683 foi excessivamente frio. Os vehiculos subiram e desceram o Tamisa n'esse anno, tendo a camada de gelo a espessura de onze pollegadas. No anno de 1709 houve um inverno frigidissimo; a terra gelou a nove pés de profundidade. Em 1716 armaram-se barracas no Tamisa, e ali teve logar uma feira. Em 1718, desde 1 de janeiro até 2 de fevereiro, caiu tanta neve que se passava sobre o gelo de Pellavorm e de Nord-Strand para a costa continental de Schleswig, cêrca de Hatsted. Em 1744, na Inglaterra, a genebra mais forte, apenas se expunha ao ar livre, cobria-se, em menos de quinze minutos, de gelo de um oitavo de pollegada de expessura. Os invernos dos annos de 1809 e 1812 foram horrivelmente frios. Em 1814 fez-se uma feira sobre o Tamisa.

A MINHA LYRA.

TEM quatro cordas singelas
A minha pequena lyra,
Mas exprimem, quando as firo,
Tudo quanto a alma me inspira.

Dos sons agudos e graves
A alternada melodia
Desperta em peitos sensiveis
Ora a dor, ora a alegria.

Dedilhando alegre ou triste,
Canto o amor, canto a amizade;
Choro os rigores da ausencia,
E a dor, que causa a saudade.

Sim eu n'ellas canto, e choro
Da vida o doce, e o azedume,
Canto do amor as delicias,
Choro as furias do ciume.

Tambem nas quatro cordinhas
Canto a maternal ternura,
Choro a esperanza perdida
Nos umbraes da sepultura.

Até me prestam cadencias
Para'o céu entoar hymnos,
Tem sons para humanos cantos,
Sons para cantos divinos.

De mais cordas não preciso,
Com ellas Phebo me inspira;
D'outros vates e cantores
Tenha mais cordas a lyra.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO.

BIBLIOGRAPHIA.

Um passeio de sete mil leguas, por Francisco Maria Bordalo. Lisboa, 1854. 1 vol. em 8.º de 250 paginas (1).

AO ANNUNCIAR a apparição de uma obra, que publicada apenas ha poucos mezes, tem já merecido o geral applauso, enchemo-nos de sincera satisfação, porque além da que resulta sempre de dar noticia de um livro bom, cousa infelizmente pouco vulgar entre nós, o sr. Bordalo, intelligentissimo official da marinha portugueza, é um dos nossos mais assiduos collaboradores.

Para quem seguir nas columnas d'este semanario ao interessantes *Viagens na Africa e America*, a leitura do *Passeio de sete mil leguas* deve de tornar-se ainda mais delectavel, por quanto este livro é como a 1.ª parte das aventurosas e romanescas peregrinações do auctor pelas differentes partes do mundo, comprehendendo as viagens pela Europa e Asia.

Não se cuide todavia que a obra do sr. Bordalo contém largas dissertações atuchadas de pezada e indigesta erudição; nem se supponha tão pouco que no *Passeio* se encontram minuciosas descrições e copiosos commentarios, que de ordinario se fingem escriptos ao correr da penna, sendo aliás laboriosas locubrações de gabinete. O *Passeio* não tem semelhante pretensões; é uma collecção de cartas, em que o auctor communica a um amigo intimo, tambem official da nossa marinha, as variadas impressões que lhe inspiraram os differentes logares que visitou no seu rapido viajar.

Apezar porém dos modestos intuitos do livro, o sr. Bordalo teve por vezes occasião de corrigir alguns prejuizos e erros, que apparecem nas obras de outros escriptores, assim nacionaes, como estranhos: são principalmente dignas de ler-se por este motivo as cartas, que se referem ao nosso estabelecimento de Macan e ao imperio da China, de que tanto se tem fabulado.

Recommendâmos pois com o maior prazer a recente obra do sr. Bordalo, que foi para nós, e que julgamos será para todos, de muito agradavel e instructiva leitura.

— Ao que mata um homem, chama-se assassino: ao que mata milhares, guerreiro: ao que saqueia uma casa, chama-se roubador; ao que saqueia provincias e nações, conquistador: um é coberto d'infamia, o outro de honras e gloria. Eis aqui como o mundo tem entendido a moral e a justiça.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

— Não gasteis o vosso dinheiro antes de o terdes ganho.

BASTOS — MEDITAÇÕES.

(1) Vende-se na livraria do sr. J. P. M. Lavado, rua Augusta, n.º 8, por 480 réis.